

REVISTA NOSSA FÉ – O CRISTÃO E O TRABALHO
Apoio didático – Lição 2

Para esta aula, sugerimos a leitura do artigo *A Reforma e o Trabalho*, do Dr. Hermisten M. P. Costa, disponível em <http://migre.me/foVR2>.

COMENTÁRIO DE GÊNESIS 2.2-3

Epílogo: Repouso Sabático (2.2,3)

2. o sétimo dia. Distinto dos dias prévios, o número deste dia é gravado três vezes, indicando sua significação acima dos demais dias.

Deus concluiu. Este é o momento máximo que fica à parte da criação, não seguindo a estrutura dos seis dias prévios. Nos primeiros seis dias, subjuga-se espaço; no sétimo, santifica-se tempo. Esse dia é abençoado para o refrigério da terra. Ele convoca a humanidade a imitar o padrão de trabalho e descanso do Rei, e assim confessar o senhorio de Deus e sua consagração a ele. Nesse dia cessam de subjugar a terra.

ele descansou. Não se faz nenhuma menção de “tarde e manhã”, talvez porque a ordenança do sábado continue e os humanos sejam exortados a participarem dele (Êx 31.17) e a olharem para o descanso sabático eterno e redentor (Hb 4.3-11).

3. abençoou o dia sétimo. Ele é infuso com o poder procriador. A bênção e a santidade do dia sétimo são singulares ao relato bíblico da criação. “De fato, o conceito de uma semana de sete dias é singular a Israel”.

e o santificou. O sétimo dia é a primeira coisa na Tora à qual Deus comunica sua santidade, e assim o separa para si (Êx 20.11). Outros deuses criadores construíram templos como sinal de sua vitória sobre as forças selvagens do caos; Deus, porém, em vez disso, institui o repouso sabático. Este será o santuário temporal no qual o povo de Israel pode descansar de seus labores, a cada semana, com seu Deus.

Sábado

Períodos de sete dias eram bem notórios no antigo Oriente Próximo, e outras culturas fazem distinção entre dias para o trabalho e dias para o descanso. Além do mais, a literatura do antigo Oriente Próximo provê numerosos exemplos do uso do sétimo dia como o clímax de um evento cataclísmico ou cósmico. Israel, contudo, é o único que santifica o sétimo dia para o repouso.

O quarto dos Dez Mandamentos em Êxodo 20 toma por base a ação criativa de Deus de trabalhar em seis dias e descansar no sétimo, como registrado em Gênesis 1.1–2.3 (cf. Êx 16). A ordem da criação jaz por trás da observância do sábado. A obra de Deus em uma semana se torna estampada em seu povo como um desígnio repetitivo para sua santificação. O sábado, diz Jesus, se destina à humanidade (Mc 2.27). Além disso, este quarto mandamento é um elo duplo que liga os primeiros três mandamentos que pertencem a Deus com os seis últimos que pertencem à humanidade. Ao cessar de trabalhar e fechar o comércio no sábado (cf. Êx 31.12-17; 34.21; Nm 15.32-36; Ne 10.31; 13.15-22; Jr 17.22), Israel guarda o dia santo ao Senhor, mas esta prática almeja dar descanso a todos os animais e a todas as pessoas, escravas e livres. Não obstante, os sacerdotes oferecem sacrifícios (Nm 28.9; Mt 12.5) e circuncidam crianças no sábado (Jo 7.22), e o exército de Israel marcha nesse santo dia (Js 6.3,4). Embora a observância do sábado não esteja relacionada a práticas religiosas no Antigo Testamento, na época do Novo Testamento as Escrituras são também lidas e arguidas no sábado (Mc 1.21; Lc 4.16-20; At 13.13-45; 15.21; 17.2).

Observar o desígnio da criação semanalmente santifica Israel de várias formas. Primeiro, ele lembra a Israel, vezes sem fim, que Deus completa sua obra. Quando consumir sua obra na criação, ele trará à perfeição sua obra na história por meio de seu povo eleito. Aquele que chama Israel para levar a salvação não falhará (cf. Is 45; Fp 1.6; Hb 12.2).

Segundo, ao observar o sábado, Israel confessa regularmente que seu Deus é o Senhor de tudo. Ele santificou o sábado para celebrar seu repouso “de toda a obra da criação que ele fizera” (Gn 2.3). Kline resumia: “A observância do sábado pelo homem é então uma confissão de que Yahweh é o Senhor, e o Senhor de todos os senhores. A guarda do sábado expressa o compromisso do homem para com o serviço do Senhor”. Na criação, Deus ordena hierarquias de governo ao demarcar os luminares para governarem dia e noite (1.18) e os seres humanos para governarem a terra (1.28). O sábado lembra a imagem de Deus de que são seus regentes para servi-lo.

Terceiro, Deus abençoa o sábado e o faz santo no melhor interesse de todas as pessoas e de todos os animais (Êx 20.8-11). Os rabinos, contudo, multiplicam suas regras e regulamentações e as fazem um fardo pesado sobre o povo. Jesus, porém, como o Senhor sobre o sábado, libera o povo desse pesado fardo, ensinando que o sábado se destina ao povo, não o povo ao sábado. Ele propicia tempo de cura e de fazer o bem (Mt 12.1-14; Mc 2.23-28; Jo 5.9-15). Como apóstolo do Senhor do sábado, Paulo advoga a lei e as regulamentações da observância do sábado como obrigatórias à igreja (Cl 2.16). A observância, ou não-observância, de dias é uma questão de consciência individual, de serviço ao Senhor e de fé (Rm 14.5-23).

Quarto, o sábado é o sinal de que o Criador separou Israel por uma relação pactual especial com ele (Êx 31.17). Na literatura rabínica, a circuncisão, práticas dietéticas e a observância do sábado se tornaram marcas distintivas do Judaísmo. No Novo Testamento, os crentes se reúnem no primeiro dia da semana, o Dia do Senhor (Ap 1.10), para partir o pão e ler, ensinar e estudar as Escrituras (Jo 20.1,19-23; At 20.7; 1Co 16.2). Uma pessoa que se sente inclinada a trabalhar sete dias na semana deve examinar qual deus ele ou ela adora. Deus é aquele “para quem seu coração se inclina e em quem confia”. Os que encontram sua segurança e significação em Mamom ou no profissionalismo sentem ser um fardo a comunidade que adora no primeiro dia da semana.

Quinto, a observância do sábado lembra a Israel que foram escravos no Egito, mas que o poderoso Senhor os redimiu da servidão para o descanso (Dt 5.15). Hoje sua significação típica tem se cumprido em Cristo (Cl 2.16,17).

Sexto, no livro de Hebreus, o descanso sabático dá concreta expressão à escatologia realizada da igreja (Hb 4.1-11). O descanso sabático assegura aos santos que, assim como Deus entrou em seu descanso depois de trabalhar os seis dias, assim também vivem na esperança de que, quando cessarem seus labores, depois de seus dias efêmeros, também entrarão naquele eterno repouso. Em Cristo, os santos neotestamentários já entram pela fé nesse repouso. Assim diz Wilson: “Quando guardamos o sábado, descansando de nossos labores, reconhecemos que nossa vida ... é sustentada por Deus. Descansamos de nossos labores porque sabemos que nossa esperança está no Senhor, não em nossos labores. O repouso sabático também reflete nossa esperança maior no Senhor pela sustentação da criação e pela complementação da redenção”.

Sétimo, pode-se inferir da narrativa da criação que o sábado é um dia para reconhecer-se e celebrar-se a significação do tempo. Não somos apenas criaturas do espaço, mas também criaturas do tempo. Como Heschel observa: “A civilização técnica é a conquista humana do espaço. É frequentemente um triunfo realizado por sacrificar um ingrediente essencial da existência, isto é, o tempo. Na civilização técnica, expandimos o tempo para ganhar espaço. Nosso principal objetivo é intensificar nosso poder no mundo do espaço. Contudo, ter mais não significa ser mais. O poder que granjeamos no mundo do espaço termina abruptamente na linha limítrofe do tempo. Mas, tempo é o coração da existência”. Participar do repouso de Deus nos dá significação quando refletimos sobre o que temos feito e nos permite participarmos em algo eterno (tempo transcendente). Heschel argumenta:

A meta mais elevada da vida espiritual não é acumular uma riqueza de informação, mas encarar momentos sacros. Numa experiência religiosa, por exemplo, não é uma coisa que se impõe ao homem, mas uma presença espiritual. O que é retido na alma é o momento de reflexão, mais do que o lugar onde o ato se concretiza. Um momento de reflexão é uma fortuna, nos transportando para além dos confins do tempo medido. A vida espiritual começa a decair quando falhamos em sentir a grandeza do que é eterno no tempo.

Na imitação do descanso de Deus, encontramos nossa subsistência em Deus e no verdadeiro significado de nosso labor e da boa criação divina. Uma vez mais, Heschel comenta: “Denegrir o espaço e a bênção de coisas do espaço equivale a denegrir as obras da criação, as obras que Deus contemplou e ‘viu que era bom’ ... Tempo e espaço são inter-relacionados ... Contra o que lutamos é a entrega incondicional do homem ao espaço, sua escravização às coisas. Não devemos esquecer que não é uma coisa que empresta significação a um momento; é o momento que empresta significação às coisas”.

Comentário de Gênesis, Bruce K. Waltke, Editora Cultura Cristã

CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER

Capítulo XXI

DE CRISTO O MEDIADOR

VII. Como é lei da natureza que, em geral, uma devida proporção de tempo seja destinada ao culto de Deus, assim também, em sua Palavra, por um preceito positivo, moral e perpétuo, preceito que obriga a todos os homens, em todos os séculos, Deus designou particularmente um dia em sete para ser um sábado (descanso) santificado por ele; desde o princípio do mundo, até à ressurreição de Cristo, esse dia foi o último da semana; e desde a ressurreição de Cristo, foi mudado para o primeiro dia da semana, dia que na Escritura é chamado domingo, ou dia do Senhor, e que há de continuar até ao fim do mundo como o sábado cristão.

Referências bíblicas: Êx 20.8-11; Gn 2.3; 1Co 16.1,2; At 20.7; Ap 1.10; Mt 5.17,18.

VIII. Este sábado é santificado ao Senhor quando os homens, tendo devidamente preparado o seu coração e de antemão ordenado os seus negócios ordinários, não só guardam, durante todo o dia, um santo descanso das suas obras, palavras e pensamentos a respeito de seus empregos seculares e das suas recreações, mas também ocupam todo o tempo em exercícios públicos e particulares de culto e nos deveres de necessidade e de misericórdia.

Referências bíblicas: Êx 16.23-26,29,30; Êx 31.15,16; Is 58.13; Is 58.13.

REVISTA NOSSA FÉ – O CRISTÃO E O TRABALHO
Apoio didático – Lição 4

Para esta aula, sugerimos a leitura do texto *Deus, Prosperidade e Trabalho*, disponível em <http://migre.me/fpl8y>.

A BÊNÇÃO DO SENHOR *Salmos 37. 16-26*

A riqueza pode ser parte de uma vida feliz, porém não é sua base real. Os justos podem ser pobres, mas isso é melhor que viver pensando que a riqueza é o que importa na vida (v. 16). O dinheiro em si não é errado. O que a Bíblia condena é o amor depositado nele (1Tm 6.10). Os perversos descobrirão que sua capacidade de adquirir riquezas desaparecerá (v. 17). A palavra “poder” literalmente é “braços”, pois às vezes “braço” é usado como um símbolo de poder (ver Sl 77.15; 89.10). Em contrapartida, o sustento dos justos vem do Senhor. Ele é o perene provedor de seu povo, e seu papel é enfatizado no texto hebraico (e todas as versões antigas) ao pôr seu nome no final do versículo.

Toda a ideia de Canaã como sendo a terra que Deus jurou dar a Israel jaz por trás das palavras nos *versículos 18 e 19*. Canaã era a herança que o Senhor providenciara (Êx 15.17; Dt 31.20), e seus olhos pairavam “continuamente sobre ela desde o início do ano até o fim” (Dt 11.12). Deus conhecia cada dia da vida de seu povo, e de tal modo satisfazia suas necessidades, que mesmo em tempos de fome desfrutavam de abundância. Às vezes isto era feito por meios extraordinários, como no tempo de Elias (1Rs 17.1-6).

A ênfase no *versículo 20* recai sobre a natureza passageira dos perversos. Provavelmente se acham envolvidas duas ilustrações. A primeira delas consiste na beleza da relva, a qual logo murcha. A segunda consiste nas coisas sendo consumidas pelo fogo. Ambas chamam a atenção para o fato de que a existência dos perversos é profundamente irritante.

Nos *versículos 21 e 22*, o contraste é entre os perversos que tomam empréstimos em altas somas e são incapazes de pagar quando chega a crise; e os justos, que não só têm o suficiente para suas próprias necessidades, mas são capazes também de ajudar outros. A introdução da referência à bênção e à maldição lembra as seções na aliança que catalogam as bênçãos e maldições apropriadas (Dt 27.11ss.; 28.1ss.; 28.15.ss.). A descrição da morte como “eliminação” lembra a linguagem na instituição de uma aliança (lit. “cortar uma aliança”) e a ameaça de ser eliminado em função do fracasso de guardar as provisões da aliança (Gn 17.14).

O princípio geral declarado nos *versículos 23 e 24* é que os justos podem experimentar falhas durante a vida, mesmo assim o Senhor os susterá, de modo a serem soerguidos outra vez (ver o ensino semelhante em Pv 24.16). O prazer do Senhor é exhibir os justos caminhando em seus caminhos, e ele é quem estabelece esses caminhos. Os justos não são isentos de tribulação, mas quando ela vem o Senhor lhes estende sua mão (o mesmo verbo “sustentar” ocorre aqui e no v. 17).

O idoso salmista pondera sobre seu conhecimento da vida (vs. 25,26). Embora tenha assistido os justos passando por momentos difíceis (vs. 7,12,14,16,19), contudo jamais os viu completamente desamparados pelo Senhor. Ainda que tenham períodos na vida nos quais é como se o Senhor tivesse subtraído seu amor, contudo isso nunca é um ponto final. Os justos são capazes de mostrar compaixão a outros e partilhar com eles seus recursos. O empréstimo não é em sentido comercial, pois de tais empréstimos não se podia cobrar juros (Êx 22.25). A frase final do versículo 26 aponta para o fato de que não só os justos serão providos pelo Senhor, mas seus filhos, por sua vez, receberão dele.

CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER

Capítulo V – Da Providência

I. Pela sua mui sábia providência, segundo a sua infalível presciência e o livre e imutável conselho de sua própria vontade, Deus, o grande Criador de todas as coisas, para o louvor da glória de sua sabedoria, poder, justiça, bondade e misericórdia, sustenta, dirige, dispõe e governa todas as criaturas, todas as ações delas e todas as coisas, desde a maior até a menor.

Referências bíblicas: Pv 15.3; 2Cr 16.9; Sl 145.14-16; At 15.18; Ef 1.11; Sl 33.10,11; Ef 3.10; Rm 9.17; Ne 9.6; Dn 4.34,35; Sl 135.6; Mt 10.29-31; Gn 45.5.

II. Posto que, em relação à presciência e ao decreto de Deus, que é a causa primária, todas as coisas acontecem imutável e infalivelmente; contudo, pela mesma providência, Deus ordena que elas sucedam, necessária, livre ou contingentemente, conforme a natureza das causas secundárias.

Referências bíblicas: Jr 32.19; At 2.23; Is 10.6,7; Gn 8.22; Jr 31.35.

III. Na sua providência ordinária, Deus emprega meios; todavia, ele é livre para operar sem eles, sobre eles ou contra eles, segundo o seu arbítrio.

Referências bíblicas: At 27.24,31; Is 55.10,11; Os 1.7; Rm 4.20,21; Dn 3.27; Jo 11.34-45; Rm 1.4.

IV. A onipotência, a sabedoria inescrutável e a bondade infinita de Deus, de tal maneira se manifestam na sua providência, que esta se estende até à primeira queda e a todos os outros pecados dos anjos e dos homens, e isso não por uma mera permissão, mas por uma permissão tal que, para os seus próprios e santos desígnios, sábia e poderosamente os limita, regula e governa em uma múltipla dispensação; mas essa permissão é tal que a pecaminosidade dessas transgressões procede tão somente da criatura e não de Deus, que, sendo santíssimo e justíssimo, não pode ser o autor do pecado e nem pode aprová-lo.

Referências bíblicas: Is 45.7; Rm 11.32-34; At 4.27,28; Sl 76.10; 2Rs 19.28; At 14.16; Gn 50.20; Is 10.12; 1Jo 2.16; Sl 50.21; Tg 1.17.

V. O mui sábio, justo e gracioso Deus muitas vezes deixa, por algum tempo, seus filhos entregues a muitas tentações e à corrupção do próprio coração, para castigá-los pelos seus pecados anteriores ou fazê-los conhecer o poder oculto da corrupção e do dolo do próprio coração, a fim de que eles sejam humilhados; para animá-los a dependerem mais íntima e constantemente do apoio dele e torná-los mais vigilantes contra as futuras ocasiões de pecar, bem como para vários outros fins justos e santos.

Referências bíblicas: 2Cr 32.25,26,31; 2Sm 24.1,25; Lc 22.31,32; 2Cr 12.7-9.

VI. Quanto àqueles homens malvados e ímpios que Deus, como justo juiz, cega e endurece em razão de pecados anteriores, ele não somente lhes recusa a graça pela qual poderiam ser iluminados no entendimento e movidos no coração, mas às vezes tira os dons que já possuíam, e os expõe a objetos que a sua corrupção torna ocasiões de pecado; além disso, os entrega às suas próprias paixões, às tentações do mundo e ao poder de Satanás; assim, acontece que eles se endurecem sob as influências dos meios que Deus emprega para o abrandamento dos outros.

Referências bíblicas: Rm 1.24,26,28; Rm 11.7; Dt 29.4; Mc 4.11,12; Mt 13.12; Mt 25.29; 2Rs 8.12,13; Sl 81.11,12; 1Co 2.11; 2Co 11.3; Êx 8.15,32; 2Co 2.15,16; Is 8.14.

VII. Como a providência de Deus se estende, em geral, a todos os crentes, também de um modo muito especial, ele cuida da igreja e tudo dispõe a bem dela.

Referências bíblicas: Am 9.8,9; Mt 16.18; Rm 8.28; 1Tm 4.10.

Confissão de Fé de Westminster, Editora Cultura Cristã

DOMÍNIO PRÓPRIO

Como cidade derribada, que não tem muros, assim é o homem que não tem domínio próprio. Provérbios 25.28

Antigamente, os muros de uma cidade era sua defesa principal; sem eles, a cidade era presa fácil para seus inimigos. Para o piedoso Neemias, um cativo judeu na distante cidade de Susã, a notícia de que o muro de Jerusalém foi derrubado significou a última destruição da sua cidade amada. Quando soube disso, se sentou e chorou.

Domínio próprio é o muro de defesa do cristão contra o desejo pecaminoso que trava guerra contra sua alma. Charles Bridges observou que alguém sem domínio próprio é presa fácil para o invasor:

Ele se rende ao primeiro ataque das suas paixões desgovernadas, não oferecendo nenhuma resistência... Não tendo nenhuma disciplina sobre si mesmo, a tentação torna-se a ocasião do pecado e o impele em um espaço de tempo que não havia considerado... Ira tende a assassinato. O descuido com a luxúria perde-se em adultério.¹

Domínio próprio é o controle não apenas dessas paixões, mas também de si mesmo. Provavelmente, é mais bem definido como *o domínio dos desejos*. D. G. Kehl o descreve como “a habilidade para evitar excessos e ficar dentro de limites razoáveis”.² Bethune chama-o de “o regulamento sadio de nossos desejos e paixões, prevenindo o excesso deles”.³ Ambas as descrições insinuam o que todos sabem ser verdade: temos uma tendência a passar do limite em nossas várias paixões e, conseqüentemente, precisamos contê-las.

No entanto o domínio próprio envolve uma vigilância muito mais ampla que somente controle de nossas paixões e de nossos desejos corporais. Também temos de exercitar o domínio próprio sobre pensamentos, emoções e fala. Há uma forma de domínio próprio que diz sim ao que devemos fazer, como também diz não ao que não devemos fazer. Por exemplo, raramente *quero* estudar a Bíblia quando começo um estudo. Há muitas outras coisas que são mentalmente muito mais fáceis de fazer, como ler um jornal, uma revista ou um bom livro cristão. Uma expressão necessária de domínio próprio, então, é sentar-se a mesa da sala de jantar com a Bíblia e o caderno na mão e dizer para mim mesmo: “Faca isso!”. Pode não parecer muito espiritual, mas também não parece a exclamação de Paulo: “Esmurro o meu corpo e o reduzo a escravidão” (1Co 9.27).

Domínio próprio é necessário porque estamos em guerra com nossos próprios desejos pecaminosos. Tiago descreve esses desejos como algo que nos arrasta e nos atrai para o pecado (veja 1.14). Pedro diz que eles fazem guerra contra nossa alma (2Pe 2.11). Paulo fala deles como enganosos (veja Ef 4.22). Esses desejos pecaminosos são tão perigosos porque moram dentro do nosso próprio coração. Tentações externas não seriam tão perigosas se não fosse pelo fato de acharem esse aliado do desejo bem dentro de nosso próprio peito.

Domínio próprio é um traço essencial do caráter da pessoa piedosa que permite obediência às palavras do Senhor Jesus: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me” (Lc 9.23). É impossível seguir a Jesus sem dar a atenção necessária a graça do domínio próprio em nossa vida.

¹ Charles Bridges, *An Exposition of Proverbs* (Evansville, IN: Sovereign Grace BookClub, 1846, 1959), p. 483.

² D. G. Kehl, *Control Yourself!* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1982), p. 25. Este é um livro excelente para aqueles que querem estudar mais o domínio próprio.

³ George W. Bethune, *The Fruit of the Spirit* (Swengel, PA: Reiner, 1839), p. 179.

Os tradutores da Nova Versão Internacional da Bíblia (em inglês) usaram a expressão *domínio próprio* para traduzir duas palavras do idioma original. A primeira, usada por Paulo na sua lista chamada de o fruto do Espírito, refere-se principalmente a moderação ou temperança na satisfação de nossos desejos e paixões. Um amigo meu, ex-professor de grego, diz que tem o significado literal de “força interna” e refere-se aquela força de caráter que permite a uma pessoa controlar suas paixões e seus desejos.

A segunda palavra traduzida como *domínio próprio* pelos tradutores da Nova Versão Internacional e uma palavra que significa consciência ou clareza no julgamento. E traduzida como *sóbrio* ou *sensato* por outras traduções. Essa palavra transmite a ideia de possibilitar um bom discernimento para controlar nossos desejos, paixões, pensamentos, emoções e ações.

Podemos prontamente ver que essas duas ideias complementam uma a outra no significado bíblico de domínio próprio. Discernimento permite-nos determinar o que devemos fazer e como devemos responder; a força interna prove a vontade para fazer isso. Tanto o discernimento como a força interna são necessários para o domínio próprio dirigido pelo Espírito.

O discernimento é essencial ao exercício do domínio próprio. Permite a pessoa piedosa não apenas distinguir o bem do mal, mas também separar o bom e o melhor. O discernimento permite-nos determinar os limites de moderação em nossas paixões, desejos e hábitos. Ele ajuda-nos a regular nossos pensamentos e mantém nossas emoções sob controle.

Mas só o discernimento não basta para nos capacitar a praticar o domínio próprio. A força interna também é fundamental. Frequentemente, sabemos muito bem *o que* fazer, mas não fazemos. Permitimos que sentimentos ou desejos predominem em nosso julgamento. Em última análise, *domínio próprio é o exercício da força interna sob a direção do discernimento, que nos permite fazer, pensar e dizer coisas que agradam a Deus.*

Visto que a graça do domínio próprio afeta tantos aspectos de nossa vida, é útil focalizar nosso estudo dessa questão em três áreas principais: *corpo, pensamentos e emoções.*

A vida frutífera, Jerry Bridges, Editora Cultura Cristã

A CARIDADE DA IGREJA NÃO CONHECE FRONTEIRAS

Para os cristãos fiéis, a mútua comunicação dos bens materiais não se limita aos membros da comunidade. Se estes têm direito às vantagens da nova vida social que Cristo instaura em sua igreja, não são eles, porém, os seus únicos beneficiários. O pobre, em quem o crente reconhece o embaixador visível de seu mestre, é todo e qualquer pobre, pelo só fato de ser pobre. A caridade da verdadeira igreja não conhece fronteiras, nem nacionais, nem eclesiásticas.

As viúvas, os órfãos, os estrangeiros; haverão de ser sustentados. Se bem que, por vezes, não fossem os estrangeiros parte do corpo de Israel, nem de sua religião, queria Deus, ainda assim, que piedade se tivesse para com eles; não apenas para atender-lhes a alguma infecção e torpeza (seria para desviar o povo, se de toda parte gente fosse vinda e aí fixasse residência), mas isto era para aqueles que estavam de passagem e para aqueles que estavam a mercadejar entre o povo; se qualquer necessidade lhes advinha, Deus queria que ainda ajuda se lhes prestasse. Ora, pois que assim é que o povo devia socorrer a quem não lhe era tão próximo, que dizer daqueles que são nossos irmãos e com quem estamos ligados em fé e religião? Se são estes por nós desassistidos, e se deixados são a morrer de pobreza, que crime será esse, uma vez que Deus nos recomenda os estrangeiros pobres, na verdade, quem nenhuma relação tem conosco para servir ao Deus verdadeiro?... Que há a fazer-se hoje?... que, segundo a capacidade, faça cada um sua contribuição... Verdade é que, conforme se diz, não podemos a Deus trazer nem quente nem frio, que o serviço que lhe prestaremos em nada o fará maior, mas dá-nos ele os pobres, que estão no meio de nós, a fim de que sejam por nós socorridos e que não a tal ponto armazene cada um de nós para abarrotar o ventre que despreze, entretanto, aos que têm falta; pelo contrário, que diligenciemos por fazer oferenda a Deus daquilo que ele nos põe nas mãos, e que seja isto santificado por este meio. Não que se nos imponha pagar como um resgate a Deus, mas este reconhecimento que lhe prestamos, tendo piedade de nossos irmãos pobres em necessidade, é como se nosso Senhor ratificasse nosso beber e nosso comer, de sorte a dizer: tudo vos será lícito, eu o aprovo, eu vo-lo dou; e homenagem me rendeis quando assistis com vosso recurso àqueles que estão na pobreza, necessitados. Eis, pois, o que temos de lembrar, cada um de si em particular⁴.

O pensamento econômico e social de Calvino, André Biéler, Editora Cultura Cristã

⁴ Sermão XCII sobre Dt 14.24-29. *Opera Calvini*, tomo XXVII, p. 309.

31. Portanto, quer vocês comam ou bebam ou qualquer coisa que fizerem, façam tudo para a glória de Deus.

Nesses comentários finais, Paulo exprime os mesmos sentimentos que expressa mais extensamente em uma de suas epístolas da prisão: “Tudo o que fizerem, seja em palavra, seja em ação, façam-no em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai” (Cl 3.17). Paulo exorta os coríntios a viverem a vida para a glória de Deus; a serem positivos sem serem ofensivos, e até nas atividades diárias de comer e beber, a exaltarem a bondade e a graça de Deus. Não podemos glorificar a Deus a não ser que nossa vida esteja em harmonia com ele e seus preceitos. Nada em nossa conduta deve obstruir o reflexo da glória de Deus em nós, isto é, em tudo que fazemos e dizemos, por mais insignificante que seja, o mundo deve poder ver que somos povo de Deus. Exaltar a glória de Deus deve ser nosso propósito principal nesta vida terrena (comparar com 1Pe 4.11).

Comentário do Novo Testamento – 1Coríntios, Simon J. Kistemaker, Editora Cultura Cristã